

*Belle Époque* e o sertão:  
**a linguagem em busca do Brasil**

**Organização**

Carmem Negreiros (UERJ)  
Marcus Salgado (UFRJ)  
Mónica Vermes (UFES)  
Ricardo de Carvalho (USP)  
Wagner Lemos (UNEB)

Rio de Janeiro  
2024

## Sumário

Apresentação	4
<b>O sertão na capital: das ruas à arte e literatura</b>	12
Os sertões brasileiros nas conferências da Biblioteca Nacional na Primeira República	13
Moema de Rezende Vergara	
Matutos e marinheiros, o mineiro e o Minas Gerais: raça e censura no cinema brasileiro silencioso	23
Rafael de Luna Freire	
<i>O Contractador dos Diamantes</i> : a peça de Affonso Arinos e a ópera de Francisco Mignone na cena artística dos anos 1910-1920	36
Danielle Crepaldi Carvalho	
O “hino nacional do coração brasileiro”: a consagração de “Luar do sertão” na memória cultural do país	45
Luciana Murari	
A civilização chega de trem: turismo científico e os subúrbios cariocas no <i>Guia da Cidade do Rio de Janeiro</i> (1905)	56
Amanda Danelli Costa e Frank Andrew Davies	
Fresta e festa: territorialidades populares e negras durante a modernização da <i>Belle Époque</i> carioca	68
Lino Teixeira	
O visionário e o marechal: sensibilidade contra autoritarismo em <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	85
Jean Pierre Chauvin	
<b>Sertão: imaginário e história</b>	95

Assombração e aparição de um cangaceiro: uma imagem estranha construída para gerar audiência social e mecanismo de poder .....	96
Germana Gonçalves de Araujo	
Da invisibilidade à romantização: a representação das mulheres na história do cangaço brasileiro .....	106
Adriana Negreiros	
Espaços de exceção em <i>Luzia-Homem</i> .....	115
Marcelo dos Santos	
“Os homens do mato são em geral maus”: expressões da violência em “Os porcos”, de Júlia Lopes de Almeida .....	127
Anna Faedrich	
Lampião de palavras: Graciliano Ramos e o cangaço na forma de crônicas e romances .....	139
Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla	
O sertão dos poetas populares do Nordeste brasileiro: de Fabião das Queimadas a Patativa do Assaré .....	150
Francisco Cláudio Alves Marques	
Trajectoria do sertanismo literário brasileiro: de Bernardo Guimarães a Afonso Arinos .....	164
Marcus Vinicius Nogueira Soares	
<i>O rei dos jagunços</i> , de Manuel Benício: a Guerra de Canudos na forma de paratextos .....	179
Sílvia Maria Azevedo	
<b>O sertão: impasses da(s) viagem(ns) e da escrita</b> .....	191
As escritas dos sertões em Euclides da Cunha e Valdomiro Silveira .....	192
Ricardo Souza de Carvalho	
<i>Os sertões</i> , <i>Coração das trevas</i> e o colonialismo .....	202
Carolina Correia dos Santos	
A floresta é um deserto: escritos amazônicos de Euclides da Cunha .....	212

Claudete Daflon	
João de Minas e a natureza como máquina celibatária	226
Marcus Rogério Salgado	
Flores sobre ruínas, flores sentimentais, esterco e excrementos: natureza e cultura em alguns poemas da <i>Belle Époque</i>	238
Francine Ricieri	
A natureza enquadrada nos poemas em prosa ilustrados de Raul Pompeia	247
Gilberto Araújo	
De viagens e leituras: modos de ver o sertão	256
Carmem Negreiros	
Como voltar aonde nunca se pertenceu? Uma leitura de <i>Outros cantos</i> , de Maria Valéria Rezende	269
Lucía González	
Autores & Autoras	280

## Apresentação

O LABELLE – Laboratório de Literatura e Cultura da *Belle Époque* – dedica o ano de 2024 para refletir sobre o que se convencionou denominar sertão na literatura e cultura brasileiras.

Para tratar do tema, logo aparece a primeira dificuldade. De que modo associar o imaginário que pensa a *Belle Époque* – como tempo marcado por intensos processos de urbanização numa visada cosmopolita – ao termo associado ao espaço rural e suas manifestações culturais? De maneira paradoxal, o sertão com toda a sua variada gama semântica está fortemente presente no período, moldando debates, ações políticas, produções culturais e artísticas. O motivo para isso reside na busca de uma linguagem, um discurso para (re)fundar a nação.

Escritores e escritoras, artistas, intelectuais se envolvem numa tarefa de conhecimento do Brasil para refinar um projeto de nação, quer em viagens pelo país, quer pelos debates da ciência ou pela imaginação literária. Os que peregrinam, fisicamente ou por meio das leituras feitas, tomam como referência a cidade, local de exposição das novas tecnologias e cenário para percepção dos efeitos das transformações econômicas – e do progresso – no espaço e nos sujeitos.

Mais do que um espaço geográfico, o sertão passa a simbolizar o desejo de conhecer, explicar e até “civilizar” a terra e quem nela habita. E a literatura dá tratamento singular ao tema quando poetas e romancistas, travestidos de sertanejos, traduzem, inventam e/ou reportam aos leitores, moradores dos centros urbanos, as imagens do interior do país, da natureza e da cultura produzida pela gente do Brasil profundo. Gente desenhada através de lentes de gradação irregular, que configura esses brasileiros e brasileiras com estranhamento, como exemplos de estágio final pré-civilização, feios, doentes, preguiçosos, incultos. Outro tipo de olhar confere-lhes pena e benevolência paternalista; outros os veem como ruínas de um passado escravocrata e violento; outros, ainda, limitam-se a descrever, com pretensa objetividade, o abandono, a injustiça, a fome, observando de forma impotente a diferença e a complexidade que passivamente contemplam.

Essas escolhas e opções estéticas foram denominadas, pela crítica, de literatura sertanista, a qual agrega produções e nomes muito diferentes entre si. Os debates na crítica literária, na geografia cultural e em áreas afins também se movimentaram em torno de termos como região, entendida como entidade geográfica concreta; regionalização, o

processo de diferenciação e recorte do espaço em partes articuladas; e regionalidade, a dimensão simbólica e vivida, propriedade do “ser” regional (Haesbaert, 2010).

Mas como pensar nesses termos hoje, quando a região é compreendida dentro de um processo mutável de inter-relações entre dados funcionais e simbólicos? Mesmo as noções de espaço e paisagem, ambos conceitos unos e múltiplos de temporalidades e culturas, seguem sendo reinterpretados.

Na verdade, paisagem e espaço são sempre uma espécie de palimpsesto onde, mediante acumulações e substituições, a ação de diferentes gerações se superpõe. O espaço constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, passado, presente e futuro (Santos, 2006, p. 67).

A fluidez marca esses conceitos. Fluidez necessária para a circulação de ideias, produtos, sujeitos no espaço também constituído por influências e relações distantes. Na Modernidade, “o que estrutura o local não é somente o que está presente em cena; a forma visível do local oculta as relações distanciadas que determinam a sua natureza” (Giddens, 1991, p. 27). E cabe destacar, ainda, que, inerentes ao que está visível no espaço, estão os seres de ficção, cuja existência é baseada no desejo ou preocupação, no medo ou na esperança, assim também na fantasia ou no entretenimento. “Pertencem ao discurso, às referências, às crenças de um dado mundo cultural” (Lapoujade, 2017, p. 34).

Sem se fixar a uma exclusiva abordagem conceitual e numa perspectiva interdisciplinar, este livro busca problematizar o embate dos intelectuais com a linguagem. Embate realizado com o auxílio da arte, da história, da ciência, da tradição literária, da cultura do cotidiano para expressar o sertão, entre as décadas finais do século XIX e início do século XX. Busca necessária para dar forma ao nacionalismo na Primeira República, afinal “as nações não existem ‘objetivamente’ antes de existirem em termos discursivos” (Calhoun, 2008, s.p., destaques no original).

Para construir o discurso da nação nesse contexto, a natureza em diálogo com a ciência torna-se centro do debate, em temas como determinismo mesológico, no qual a grandeza, força e abundância do mundo externo equivale à pequenez da ação humana; o darwinismo social e sua associação entre os aspectos da cultura e os esquemas evolutivos biológicos da natureza orgânica. Teorias que justificam a desigualdade das organizações sociais por hierarquias biológicas que possibilitaram a consolidação da teoria das raças, revestida de pretensa validade universal técnico-científica.

As conferências realizadas na Biblioteca Nacional permitem perceber a temperatura do debate, como mostra o capítulo da pesquisadora titular do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), Moema de Resende Vergara, quando analisa “Os sertões brasileiros”, de Alberto Rangel, proferida em 1913. Classificadas pela autora no perfil de “divulgação científica”, essas conferências demonstram como “a ideia de Brasil e suas gentes foi sendo forjada juntamente com o conhecimento científico e demais manifestações culturais”.

A busca pela linguagem da nação também está nas ruas da capital do país que, nas rodas boêmias, bares, botequins, confeitarias, nas redações de jornais, esquinas, subúrbios e morros, entrelaça, de forma peculiar, cultura e política, o falar das ruas e o tom erudito e, claro, música, cinema, literatura e jornal. Nas ruas estão personagens e cenas que dialogam e/ou divergem do imaginário nacional que quer ser moderno, feito de ordem e progresso. A imprensa, como espaço relevante da cidade, projeta escritores e escritoras como mediadores culturais na cidade multiétnica, plural e desafiadora, rica de possibilidades tanto quanto o país. No traço dos caricaturistas, nos poemas-piada dos humoristas, no estilo e na cor de pintores, nos ritmos musicais diversificados e eletrizantes, os tipos populares do país são apresentados, com sátira, indiferença ou exaltação, julgados com rigor ou com sua história e memória apagadas ou reinventadas. Revistas teatrais, canções e filmes apresentam caipiras, negros, pobres, ora negando-lhes participação – e voz – na produção discursiva de nação, ora dando-lhes ar pitoresco, exótico, distante, ou ainda idealizando sua figura e realidade cultural.

No capítulo “Matutos e marinheiros, o mineiro e o Minas Gerais: raça e censura no cinema brasileiro silencioso”, Rafael de Luna Freire destaca “a relação intermediária muito comum ao cinema da época”, com personagens presentes nas revistas teatrais, do século XIX, configurando no cinema o “conhecido tropo do caipira ou interiorano em visita à cidade grande”. Diz o pesquisador que, na narrativa cinematográfica dos filmes *Paz e amor* e *O Chantecler*, “o personagem negro e caipira, embranquecido e ridicularizado, terminava com uma apoteose ao encouraçado Minas Gerais, numa bem-comportada ode nacionalista ao suposto progresso do país”. No entanto, em um filme documentário com a presença do marinheiro líder João Cândido, a mesma imagem do famoso navio foi interdita como ameaça ao projeto de nação e seu discurso.

A circulação intensa de linguagens, das ruas e salões para os jornais, teatros, música e textos literários, pode ser visualizada no capítulo “*O Contractador dos Diamantes*: a peça de Affonso Arinos e a ópera de Francisco Mignone na cena artística

dos anos de 1910-1920”. A autora se debruça sobre o texto dramático de Afonso Arinos que seria encenado em 1919, mas sua versão operística, com música de Francisco Mignone, estreou somente em 1924. Vale acompanhar a discussão de Danielle Crepaldi Carvalho sobre as diferentes “intenções de brasilidade” elaboradas na peça e na ópera.

As canções da *Belle Époque* alcançaram os anos de 1930 na mesma busca pelo Brasil, e a professora Luciana Murari discute a força da canção, composta por Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco, que seria consagrada como “hino nacional do coração brasileiro”, difundida em diferentes contextos culturais e sociais. Trata-se de “Luar do sertão”, que produziu a sensação de pertencimento e identidade nacional, ainda que distanciada, e de visão idealizante da dura realidade das comunidades sertanejas. Na cidade do Rio de Janeiro, ainda que não concretizem o compartilhamento social, os seres de ficção da literatura, cinema, teatro e música circulam apresentando discursos diversos para encontrar a brasilidade e os sujeitos que a definem.

Os embates entre as diferentes representações culturais do país também mapearam os espaços na capital da Primeira República. Amanda Danelli Costa e Frank Andrew Davies demonstram como o termo sertão classifica os lugares no Rio de Janeiro, na linguagem do *Guia da Cidade do Rio de Janeiro*, de 1905. No capítulo, os pesquisadores discutem como a categoria subúrbio aparece no imaginário da cidade como “o sertão carioca” e o papel do guia turístico nesse processo.

Geralmente apresentadas como invisíveis ou espectadores passivos, as camadas populares são objeto de reflexão do capítulo de Lino Teixeira. Entre a “fresta” e a “festa”, o pesquisador discute as estratégias territoriais de ocupação física e simbólica dos espaços e as práticas culturais, relacionadas às festas e produção artística, realizadas pelas populações negras e periféricas no Rio de Janeiro. Ainda que excluídas da opinião pública disseminada nos jornais, as camadas pobres, as mulheres e a população rural criaram espaços públicos próprios para participarem dessa sociedade extremamente hierarquizada, com a coexistência de vários regimes espaço-temporais.

Para fechar o primeiro bloco desse volume, Jean Pierre Chauvin, com base em estudo detalhado de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, apresenta as tensões do nacionalismo exacerbado e a violência das estruturas de poder, questionada pelo protagonista do romance.

No segundo bloco, discute-se o sertão do imaginário e da história, de jagunços, caboclos, poetas. Em seu capítulo, Germana Araujo debate a construção da imagem do cangaceiro por meio da própria aparência, cuidadosamente trabalhada pelo famoso

Lampião. Segundo a autora, “para dar vida ao aparecer é preciso articular linguagens e ordenar elementos para elaborar uma narrativa que torne a visualidade de um cangaceiro um complexo emaranhado simbólico”.

Já Adriana Negreiros, no capítulo “Da invisibilidade à romantização: a representação das mulheres na história do cangaço brasileiro”, por uma perspectiva que alia estudos de gênero e teoria decolonial, problematiza a romantização em torno das cangaceiras, que esconde a experiência de opressão de raça e gênero a que foram submetidas.

No campo da imaginação literária, o capítulo de Marcelo dos Santos analisa *Luzia-Homem*, obra de Domingos Olímpio, como um romance de forças, da tensão entre masculino e feminino, entre controle social e exclusão.

Por sua vez, Anna Faedrich propõe uma investigação sobre os modos extremos de representação da violência, incluindo aí o filicídio, no conto “Os porcos”, de Julia Lopes de Almeida, publicado em 1902. O conto confere protagonismo a uma camada marginalizada da sociedade, com foco especial na mulher cabocla, “permitindo acesso à mente da protagonista, seus sentimentos, pensamentos e delírios por meio do discurso indireto livre”.

A questão do cangaço deixou inquieto o escritor Graciliano Ramos. É o que mostram Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla no capítulo que desenvolvem. Os pesquisadores discutem como o olhar de Graciliano para o cangaço, e seu contexto, está na base da concepção ética e estética de suas crônicas e romances, trazendo inclusive matrizes dos dramas de seus personagens.

A “literatura de folhetos” (folhetos expostos e pendurados em cordéis), denominada literatura de cordel nordestina a partir da década de 1970, é arquivo vivo de memória cultural, colocando em movimento cenas e personagens da ficção e das lendas mescladas a figuras e situações da realidade social e histórica. A poesia narrativa e popular – cantada nas feiras, nos mercados, nas estações ferroviárias e nos alpendres da casa-grande – alimenta-se do imaginário acerca do sertão nordestino ao mesmo tempo em que denuncia os desmandos, as injustiças e as mazelas sociais. Nessa perspectiva, o capítulo de Francisco Cláudio Alves Marques apresenta a atuação de autores da literatura de cordel: Fabião das Queimadas, Leandro Gomes de Barros, o primeiro cordelista brasileiro a produzir e publicar folhetos em escala comercial, em 1907, e Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva).

A literatura, como sabemos, mapeou os espaços no país, e os seres imaginários ganharam vida na cultura cotidiana. Os textos formaram a tradição literária com rico inventário de concepções sobre o sertão e sua gente. Em seu capítulo, Marcus Soares escolhe três nomes relevantes dessa tradição: Bernardo Guimarães, por seu pioneirismo e questionamento do modelo nacionalista vigente à época; José de Alencar, pelo tratamento do espaço sertanejo como rural; e Afonso Arinos, pela releitura sociopolítica do assunto, com o aproveitamento dos temas da Guerra de Canudos, conflito que dominou os imaginários e as ruas das cidades porque estava nas páginas diárias dos jornais.

Na Primeira República, a imprensa já domina a opinião pública. “Em panfletos, brochuras, revistas e, sobretudo, jornais diários, definiam-se orientações políticas, os paradigmas discursivos e as tendências majoritárias. Quem quisesse participar da opinião pública tinha de ler os jornais” (Bartelt, 2009, p. 156). Dessa maneira, a função social da imprensa aumentou significativamente, abrangendo desde extensas áreas na capital do país até as cidades menores. Nesse contexto, o sertão e seus personagens circulam nos centros urbanos e no interior do país. Em 1902, jornalistas-militares, jornalistas e escritores atuaram como correspondentes da Guerra de Canudos e/ou apropriam-se do tema em manchetes, sátiras, poemas-piada, reportagens e, gradativamente, tal guerra ganhou conotação de ameaça nacional. “Os meios de comunicação do Brasil recém-republicano institucionalizaram o signo ‘Antonio Conselheiro’ como nome de uma rubrica mais ou menos fixa no jornal” (Bartelt, 2009, p. 161).

Em seu capítulo, Sílvia Azevedo apresenta o jornalista, historiador e escritor Manuel Benício, bem como sua obra *O rei dos jagunços*, pontuando as diferenças entre esse relato e as demais obras de teor testemunhal da guerra. Para a autora, “ao reescrever a história das quatro fases do conflito do sertão baiano por intermédio das citações e notas de rodapé, todos componentes paratextuais”, ao lado do aproveitamento das crônicas e reportagens já publicadas nos jornais, Manuel Benício criou estratégias que garantiram a execução de “uma narrativa histórica de arquitetura moderna”.

O terceiro e último bloco deste volume – O sertão: impasses da(s) viagem(ns) e da escrita – inicia com a reflexão de Ricardo Souza Carvalho no capítulo sobre a amizade entre Euclides da Cunha e Valdomiro Silveira, junto a seus efeitos na produção literária. O texto procura recuperar o diálogo entre o cientista que prezava pelo estilo de ficcionista e o contista que se valia da observação e dos ramos científicos da ornitologia e da botânica.

No capítulo “*Os sertões, Coração das trevas e o colonialismo*”, Carolina Correia dos Santos se concentra em um estudo aproximativo entre Euclides da Cunha e Joseph Conrad, em uma perspectiva rigorosamente decolonial, desvelando que as armadilhas discursivas de textos como *Os sertões* e *Coração das trevas* são férteis.

Os escritos amazônicos de Euclides da Cunha são explorados no capítulo de Claudete Daflon, que investiga as ressonâncias discursivas e geopolíticas do termo “deserto”. Para a autora, o “deserto” nos escritos amazônicos de Euclides representa, sobretudo, o vazio civilizacional, vastas regiões configuradas como mistério e desafio, um mundo selvagem a ser domado. As florestas tropicais da América, na geopolítica moderna, foram muitas vezes consideradas como “vazios”, localidades “extremas”, “confins”. Na verdade, trata-se de um brutal apagamento de grupos humanos e de outras formas de vida preexistentes às ações de ocupação colonial.

Sob o *nom-de-plume* de João de Minas – que parece evocar os antípodas: João do Rio e João do Norte, a cidade e o sertão –, o advogado mineiro Ariosto Palombo escreve uma primeira crônica para *O Paiz*, intitulada “O chapadão (aspectos do Triângulo Mineiro)”. Nela, publicada na edição de domingo de 19 de junho de 1927, João de Minas se mostra atento aos modos de percepção da paisagem implicados em uma viagem feita de automóvel entre Araxá e Uberaba. O capítulo de Marcus Rogério Salgado aponta que, ao romper parcial ou totalmente com o pacto de verossimilhança, João de Minas propõe um estado de desequilíbrio entre fabulação e verdade, mergulhando o leitor em um mundo onde os limites entre realidade e fantasia se dissipam. Sua escrita, marcada por elementos passionais e uma imaginação corrosiva, desafia as convenções narrativas e cria um espaço onde o inusitado e o absurdo se encontram.

Na leitura da poesia, o capítulo de Francine Ricieri explora desdobramentos do diálogo entre natureza e cultura em alguns poemas e poetas cronologicamente associáveis às décadas finais do século XIX e iniciais do século XX, também em suas incursões pelo pensamento teórico ou crítico.

Gilberto Araújo estuda a tematização da natureza e do campo nos poemas em prosa ilustrados de Raul Pompeia. Para o autor, o poema em prosa subverte as estratégias da ficção regionalista e da poesia de temática rural: incorporando a ênfase descritiva de ambas, explora a sonoridade e o encadeamento imagético numa forma que, desobrigada das convenções métricas e rítmicas, se espalha no ritmo da prosa regionalista, sem, no entanto, submetê-lo a um enredo.

A busca pela linguagem para expressar o país se concretiza na figura de escritores viajantes explorada no capítulo “De viagens e leituras: modos de ver o sertão”, por Carmem Negreiros. A reboque do deslocamento e da comunicação interna propiciados por inovações técnicas em um país continental como o Brasil, os escritores não apenas traçam imagens de nação como também ampliam o campo de debates em torno da nacionalidade estética – pauta que, como se sabe, terá ampla continuidade ao longo das décadas seguintes.

O capítulo “Como voltar aonde nunca se pertenceu? Uma leitura de *Outros cantos* de Maria Valéria Rezende” demonstra que o romance de 2016 tensiona o conteúdo atribuído ao sertão pela cultura e literatura brasileiras. Em chave contemporânea, a romancista lança mão de estratégias como a idealização da vida sertaneja e a equiparação do sertão brasileiro com outros espaços geográficos, permitindo que a protagonista se aproprie e se sinta parte dele, configurando uma cartografia da pertença. Vale destacar que a obra, segundo Lucía González, dialoga com a tradição dos relatos de viagens, que “como criação própria e como modelo de leitura e escrita foram fundamentais no processo de autoconfiguração do sujeito e na criação de tropos e metáforas para se pensar o continente”.

Na(s) viagem(ns) narradas nesse volume, percebe-se que o sertão avança de forma significativa na *Belle Époque* rumo aos mapas mentais da nação no cruzamento de diferentes linguagens. Muitas questões permanecem, e ainda inquietam, os leitores e leitoras. Como lidar com a contínua aspiração de modernidade e a armadilha trágica que ela carrega? O que define civilização e progresso? As ruínas que deixam de herança? Ou, ainda, podemos ecoar a pergunta da jornalista, e escritora, Eliane Brum (2019, p. 13): “O que faz o país do futuro quando percebe que o futuro é um enorme passado?”<sup>1</sup>

*Carmem Negreiros, Marcus Salgado, Mónica Vermes,  
Ricardo de Carvalho e Wagner Lemos*

## Referências

- BRUM, Eliane. **Brasil, construtor de ruínas**: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro. Porto Alegre: Arquipélago, 2019.
- BARTELT, Dawid Danilo. **Sertão, república e nação**. Tradução de Johannes Kretschmer e Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Edusp, 2009.

---

<sup>1</sup> Neste livro, as citações diretas tiveram a ortografia atualizada, salvo nos casos em que a forma original foi considerada necessária para um melhor entendimento.

CALHOUN, Craig. O nacionalismo importa. *In*: PAMPLONA, Marcos A.; DOYLE, Don H. (orgs.) **Nacionalismo no novo mundo**: a formação dos Estados-nação no século XIX. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Antares**: Letras e Humanidades, n. 3, p. 2-14, jan./jun. 2010.

LAPOUJADE, D. **As existências mínimas**. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: Editora n-1, 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

## **Autores & Autoras**

### **Adriana Negreiros**

Jornalista e escritora. Formou-se em Comunicação Social pela UFCE e em Filosofia pela USP. Tem especialização em Filosofia Política pela Universidade do Minho (Portugal) e é doutoranda em Estudos Femininos na Universidade de Coimbra. É autora de *Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço* (Objetiva, 2018) e de *A vida nunca mais será a mesma: cultura da violência e estupro no Brasil* (Objetiva, 2021), vencedor do prêmio de melhor livro de ensaio concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

### **Amanda Danelli Costa**

Bacharela e licenciada em História pela UERJ, mestra e doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio. É professora adjunta do Departamento de Turismo da UERJ e da especialização em Sociologia Urbana da UERJ. Desde 2021 é bolsista do programa Prociência-UERJ. É membra do LABELLE e da Comunidade de Estudos da Teoria da História (COMUM – UERJ), grupos de pesquisa em que tem realizado investigações sobre História do Rio de Janeiro, História Intelectual e História do Turismo.

### **Anna Faedrich**

Professora de Literatura Brasileira na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF. Autora de *Escritoras silenciadas: Narcisca Amália, Júlia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres* (Macabéa; Fundação Biblioteca Nacional, 2022) e de *Teorias da autoficção* (EdUERJ, 2022). Curadora acadêmica da Exposição “Júlia Lopes de Almeida: um fenômeno literário no Museu Histórico do Rio de Janeiro” (Parque da Cidade, Gávea-RJ). Graduada em Letras e especialista em Literatura Brasileira pela UFRGS. Mestre e doutora em Letras – Teoria da Literatura pela PUCRS. Realizou pós-doutorado sobre autoficção na UFF.

### **Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo**

Professora associada do Instituto de Letras da UERJ, bolsista CNPq e Cientista de Nosso Estado-CNE/FAPERJ. Doutora e mestre em Teoria Literária pela UFRJ. Possui artigos publicados sobre Lima Barreto, sendo o mais recente “De retalhos e redes faz-se um

romance: a criação em Lima Barreto”, na *Manuscrita: Revista de Crítica Genética* (2024). Entre seus livros, destacam-se *Lima Barreto/Triste fim de Policarpo Quaresma*, da Coleção Archives-Unesco, produzido junto com Antonio Houaiss, em 1997; *Lima Barreto, caminhos de criação* (em parceria com Ceila Ferreira, publicado pela Edusp, 2017) e *Lima Barreto em quatro tempos* (Relicário, 2019). Coordena o LABELLE (<http://labelleuerj.com.br>).

### **Carolina Correia dos Santos**

Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP e professora de Teoria da Literatura na UERJ. Dentre suas publicações, destacam-se *Jaguaretama: o mundo imperceptível de “Meu tio o Iauaretê”* (7Letras/Faperj, 2022) e *Na ponta da língua: política, literatura e violência em Os sertões, Native Son e Cidade de Deus* (EdUERJ, 2021).

### **Claudete Daflon**

Professora associada da UFF com atuação em Literatura Brasileira e Literatura Comparada. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Literatura UFF, bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ 2) do CNPq e líder do grupo de pesquisa Interferências: Literatura, Arte e Ciência. Autora do livro *Meu país é um corpo que dói* (2022) e de diversos ensaios e artigos sobre relações literatura – arte – ciência, natureza, viagem, extrativismo e América Latina sob viés decolonial.

### **Danielle Crepaldi Carvalho**

Doutora em Letras pela UNICAMP, com tese centrada na análise de textos cronísticos a respeito do cinema publicados na imprensa do Rio de Janeiro (1894-1922), tendo realizado estágio de pesquisa na Université Sorbonne Nouvelle (Paris 3). Desenvolveu um pós-doutorado na ECA-USP, no qual pesquisou as sonoridades do cinema carioca (1895-1916) num contexto de circularidade cultural. Junto à Fundação Biblioteca Nacional, realizou pesquisa no âmbito do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP) a respeito da Exposição Internacional do Centenário da Independência.

### **Francine Fernandes Weiss Ricieri**

Mestre em Literatura Brasileira pela UNESP-Assis e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela UNICAMP. Docente do Departamento de Letras e do

Programa de Pós-Graduação em Letras na UNIFESP-Guarulhos. Dentre suas publicações, destaca-se *Imagens do poético em Alphonsus de Guimaraens* (2014). Organizou: *Antologia da poesia simbolista e decadente brasileira* (2007); *Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea* (2008); dossiê *Dons do poema: encontros poéticos entre Brasil e França* (2019), em parceria com Jean Nicolas Illouz; *A categral ebúrnea: Alphonsus de Guimaraens pela crítica contemporânea* (2021). É líder do Grupo de Investigações do Poético (UNIFESP/Cnpq).

### **Francisco Cláudio Alves Marques**

Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. É professor associado no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis. Autor dos livros *Um pau com formigas ou o mundo às avessas: a sátira na poesia popular de Leandro Gomes de Barros* (Edusp; Fapesp, 2014), *Escritos e ditos: poéticas e arquétipos da literatura de folhetos, Itália/Brasil* (Humanitas; Fapesp, 2018) e *Nostálgicos na terra do banzo: o imigrante italiano em Juó Bananére e António de Alcântara Machado* (UNESP, 2020).

### **Frank Andrew Davies**

Bacharel em Ciências Sociais e mestre em Sociologia pela UFRJ e doutor em Ciências Sociais pela UERJ. É professor adjunto da UERJ no âmbito do Departamento de Turismo, da especialização em Sociologia Urbana e do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Coordena o Cidades – Núcleo de Pesquisa Urbana da UERJ e integra os grupos de pesquisa Mobilidades, Teorias, Temas e Métodos (MTTM), da USP; Decolonizar a América Latina e seus Espaços (DALE!), da UFBA e UNILA; e Urbes – Núcleo Capixaba de Estudos da Experiência Humana em Meio Urbano, da UFES.

### **Germana Gonçalves de Araujo**

Pós-doutoranda no IA-Unicamp, é professora do curso de Design Gráfico no Departamento de Artes Visuais e Design da UFS desde 2010. Doutora pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade – Pós-Cultura da UFBA. De suas obras publicadas, destacam-se *Bonita Maria do Capitão* (2011), primeiro lugar no Prêmio Aloísio Magalhães da Fundação Biblioteca Nacional; *Cândido de Faria: um ilustrador sergipano das artes aplicadas* (2018), segundo lugar no 33º Prêmio Museu da Casa Brasileira, na categoria Trabalhos Publicados; *Lampião em cena: criatividade na cultura*

*visual do cangaço* (2020). Atualmente, está envolvida com o projeto de pesquisa acerca do livro de artista, do design do livro (impresso e digital), da memória gráfica local (Brasil-Nordeste-Sergipe) e da cultura visual da região Nordeste, completando, em 2024, 19 anos de estudos sobre o cangaço.

### **Gilberto Araújo Vasconcelos Júnior**

Professor de Literatura Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ e doutor em Letras Vernáculas pela mesma instituição. Foi professor visitante na Université Sorbonne Nouvelle – Paris III (2022-2023), no âmbito do CAPES-PrInt, onde também realizou estágio pós-doutoral. Bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ e Produtividade em Pesquisa pelo CNPq, com pesquisa sobre produção verbovisual édita e inédita de Raul Pompeia. Membro associado da Association Internationale pour l'Etude des Rapports entre Texte et Image (AIERTI/IAWIS). Autor de *Mudança de plano: ensaios de literatura brasileira* (2022), *Literatura brasileira: pontos de fuga* (2014), *Júlio Ribeiro* (2011), *Melhores crônicas de Humberto de Campos* (2009), dentre outros.

### **Ieda Lebensztayn**

Crítica literária, pesquisadora e ensaísta. Doutora em Literatura Brasileira pela USP, fez pós-doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros e na Biblioteca Mindlin. Publicou *Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis* (2010). Organizou, com Thiago Mio Salla, *Cangaços, conversas* (2014) e *O antimodernista* (2022). Com Hélio Guimarães, *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares* (2019); com Hélio e Luciana Schoeps, *Primeiras edições de Machado de Assis na Biblioteca Brasileira Mindlin* (2022). E, com Fernando Paixão, *José Paulo Paes: crítica reunida sobre literatura brasileira & inéditos em livros* (2023).

### **Jean Pierre Chauvin**

Professor livre-docente na ECA-USP, onde pesquisa e leciona Cultura e Literatura Brasileira. Credenciado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, junto à FFLCH-USP, orienta pesquisas sobre o período colonial, imperial e republicano. É membro do LABELLE desde 2015. Com Marcelo Lachat, organizou *As letras na terra do Brasil* (2022). Autor de *O poder pelo avesso na*

*literatura brasileira: Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto* (2013) e de *Pedra, penha, penhasco: a invenção do Arcadismo brasileiro* (2023).

### **Lino Teixeira**

Pesquisador e ativista na área de políticas urbanas. Atuou junto a diversas organizações da sociedade civil no Conjunto de Favelas da Maré, incluindo Instituto Maria e João Aleixo e Redes da Maré. Integra o Observatório de Favelas, onde desde 2023 é coordenador de Políticas Urbanas. É arquiteto urbanista (PUC-Rio), mestre em Geografia (UFF) e doutorando em Ciências Sociais (PUC-Rio). É pesquisador do Unir – Centro de Pesquisas e Articulação de Conhecimentos Rocinha (PUC-Rio).

### **Lucía González**

Doutora em Teoria da Literatura pela UFRJ. Atualmente realiza estágio pós-doutoral na UERJ, sob a supervisão de Carmem Lúcia Negreiros, com bolsa pós-doutorado nota 10 outorgada pela FAPERJ. Atua como professora na especialização em Literatura Hispano-Americana da UFRJ.

### **Luciana Murari**

Professora da Escola de Humanidades e do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Suas pesquisas dedicam-se à história cultural, política e intelectual do Brasil, abarcando temas relacionados à experiência, à representação e à conceptualização da natureza. É autora de *Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país d’Os sertões* (2007) e *Natureza e cultura no Brasil, 1870-1922* (2009), além de capítulos de livros e artigos publicados em periódicos nacionais e estrangeiros. Desde março de 2013 é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

### **Marcelo dos Santos**

Professor adjunto de Literatura Brasileira, Ensino e Teoria da Literatura na Escola de Letras da UNIRIO. Fez sua formação na área de Letras na UERJ, onde é membro dos grupos de pesquisa LABELLE e Bioescritas. É pesquisador de arquivos literários e, atualmente, desenvolve pesquisa sobre cartas de escritores, produção de subjetividades e bioescritas. Coordena o projeto de extensão Remição de Pena pela Leitura, realizado nos presídios do estado do Rio de Janeiro, e estuda as escritas e as experiências do encarceramento e da liberdade na literatura.

### **Marcus Rogério Salgado**

Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ, onde atua desde 2014 na Faculdade de Letras. Lecionou Teoria da Literatura e Literatura Brasileira em instituições de ensino superior no Brasil (UFF, UnB) e no exterior (Universidade de Santiago de Compostela). Autor dos livros de ensaios *A vida vertiginosa dos signos* (2006) e *A arqueologia do resíduo* (2013). Traduziu textos de Jean Lorrain, Pierre Mabilille, Hans Bellmer, André Breton, Robin G. Kelley, Zhang Longxi, entre outros.

### **Marcus Vinicius Nogueira Soares**

Doutor em Literatura Comparada pela UERJ, é professor associado de Literatura Brasileira da mesma instituição. É coautor de “500 anos de ficção”, publicado na *Brasiliiana da Biblioteca Nacional* (Nova Fronteira, 2002), autor do livro *A crônica brasileira do século XIX: uma breve história* (É Realizações, 2014) e co-organizador de *José de Alencar: dispersos e inéditos* (EdUFBA, 2021). Membro do grupo de pesquisa LABELLE e do grupo de trabalho História da Literatura da ANPOLL. Publicou vários artigos sobre o gênero crônica e as obras de José de Alencar e João do Rio em livros e revistas acadêmicas.

### **Moema de Rezende Vergara**

Possui doutorado em História Social da Cultura pela PUC-Rio. É professora do PPGEFHC-UFBA/Universidade Estadual de Feira de Santana e do PPGHIS-UNIRIO, além de pesquisadora titular no Museu de Astronomia e Ciências Afins. Atua principalmente nos seguintes temas: história da ciência, divulgação científica, gênero, século XIX, história do Brasil e território.

### **Rafael de Luna Freire**

Professor associado no Departamento de Cinema e Vídeo e no Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da UFF, onde coordena o Laboratório Universitário de Preservação Audiovisual (LUPA-UFF). É autor de inúmeras publicações sobre a história do cinema brasileiro. Seu último livro é *O negócio do filme: a distribuição cinematográfica no Brasil, 1907-1915* (2022).

### **Ricardo Souza de Carvalho**

Professor de Literatura Brasileira na USP. Autor dos livros *A Espanha de João Cabral e Murilo Mendes* (Ed. 34, 2011), vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Teoria/Crítica Literária em 2012, e *Aqui vive um amigo dos livros: a história da Biblioteca Oliveira Lima* (Edusp, no prelo). Publicou capítulos de livros e artigos sobre as relações entre literatura e história e sobre a literatura brasileira do século XIX e do início do século XX.

### **Sílvia Maria Azevedo**

Professora adjunta de Teoria Literária da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis, atua nos seguintes temas: Machado de Assis, literatura e história, imagens do Brasil nos jornais de caricaturas, saber científico e a imprensa do século XIX. Bolsista Produtividade em Pesquisa – CNPq.

### **Thiago Mio Salla**

Doutor em Ciências da Comunicação e em Letras pela USP. Docente e pesquisador da ECA-USP e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH-USP, dedica-se às áreas de literatura brasileira, teorias e práticas da leitura e editoração. Entre outros trabalhos, publicou *Garranchos: textos inéditos de Graciliano Ramos* (2012), *Graciliano Ramos e a Cultura Política* (2016), *Graciliano na terra de Camões* (2021) e, com Ieda Lebensztayn, *Cangaços, conversas* (2014) e *O antimodernista* (2022). Coordena a edição das obras de Graciliano Ramos pela editora Todavia.

### **Viviana Mónica Vermes**

Bacharel em Música (Composição e Regência) pelo IA-UNESP, mestre em Artes (Música) pela mesma universidade e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Realizou um estágio de pós-doutorado no Departamento de Música da ECA-USP, um segundo estágio no Instituto de Artes-UNESP e um terceiro no Programa de Pós-Graduação em Música da UDESC. Atualmente é professora titular da UFES, onde leciona nos cursos de graduação em Música e atua no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Diretora de Publicações da Anppom, editora-chefe da *Revista Opus – Anppom* (gestões 2022-2023, 2024-2025).

**Wagner Gonzaga Lemos**

Professor da UNEB, regendo a cadeira de Literaturas em Língua Portuguesa, doutor em Literatura Brasileira pela USP, pós-doutorando no Instituto de Letras UERJ e líder do Grupo de Pesquisa em Literatura e História (UNEB/CNPq)

Nos blocos seguintes, discute-se como a literatura mapeou os espaços no país, e os seres imaginários ganharam vida na cultura cotidiana. A partir da Guerra de Canudos, o sertão torna-se tema cotidiano em manchetes, sátiras, poemas-piada, reportagens dos jornais que circulam na capital do país até o interior. Conflito que também intensificou expedições de intelectuais viajantes. O resultado está nas obras que expressam as tensões entre a escrita e as viagens, na frequente reavaliação de experiências e heranças. A coletânea traz as ressonâncias discursivas presentes nas obras de Alberto Rangel, Afonso Arinos, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Valdomiro Silveira, Julia Lopes de Almeida, João de Minas, Manuel Benício, entre muitos outros, diante da compreensão da natureza como um projeto europeu de construção do conhecimento e da explicação dita civilizadora, cientificista e/ou dissociativa da vida sertaneja. As questões da *Belle Époque* alcançam as inquietações que permeiam a literatura contemporânea, em um mundo de fronteiras porosas em que todos os contextos se superpõem. Diante dos espaços que realizam e revelam o mundo, a literatura repete hoje a antiga pergunta: O que define civilização e progresso? As ruínas que deixam de herança?

É grande a presença do sertão nas obras literárias em nossos dias — o sertão compreendido como eixo espaço temporal múltiplo, carregado de valor histórico, simbólico, geográfico, político e ficcional. Por isso, este livro produzido pelos pesquisadores do LABELLE — Laboratório de estudos de literatura e cultura da *Belle Époque* — representa contribuição importante. Como uma viagem, permite reconhecer que o sertão avança de forma significativa na *Belle Époque* rumo aos mapas mentais da nação no cruzamento de diferentes linguagens — das ruas e salões para os jornais, teatros, música, cinema e textos literários em busca da brasilidade. Se a literatura mapeou os espaços no país e os seres imaginários ganharam vida na cultura cotidiana, o livro apresenta estudos sobre a tradição literária com leituras críticas de obras incontornáveis, desde autores como Euclides da Cunha, Afonso Arinos e Valdomiro Silveira a Alberto Rangel, Gastão Cruls e Julia Lopes de Almeida, alcançando a contemporânea Maria Valéria Rezende. Uma coletânea que mostra o sertão como espaço e tempo inquietante, desafiador e, sobretudo, contemporâneo.



intermeios

*Belle Époque  
e o sertão*

Carmem Negreiros et al

Carmem Negreiros  
Marcus Rogério Salgado  
Ricardo Souza de Carvalho  
Viviana Mônica Vermes  
Wagner Gonzaga Lemos  
organizadores

# *Belle Époque e o sertão* a linguagem em busca do Brasil

*Belle Époque* e o sertão: a linguagem em busca do Brasil, compreende 23 textos organizados em três seções: “O sertão na capital: das ruas à arte e literatura”, “Sertão: imaginário e história” e “O sertão: impasses da(s) viagem(ns) e da escrita”. A partir da cidade, lugar político que regula o mundo agrário, as opções estéticas para tratar do espaço rural foram denominadas pela crítica literária e na geografia cultural de literatura sertanista, regionalismo e/ou regionalidade. Mas como pensar nesses termos, hoje, quando a região é compreendida dentro de um processo mutável de inter-relações entre dados funcionais e simbólicos? Por isso, em uma perspectiva multidisciplinar e sem se fixar a uma exclusiva abordagem conceitual, o livro problematiza o embate dos intelectuais com a linguagem para expressar o sertão, quer como natureza tornada discurso, quer como problema para os esforços de homogeneização do Estado nacional, entre as décadas finais do século XIX e o início do século XX. Os primeiros capítulos mostram que a busca pela linguagem da nação começa nas ruas da capital do país, a cidade do Rio de Janeiro, que entrelaça cultura e política, o falar das ruas e o tom erudito e, claro, música, cinema, literatura e jornal para questionar o que é Brasil, quem são os brasileiros.